

## MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL: CAMINHOS PARA VÍNCULOS TRANSCULTURAIS

Leonidas Roberto Taschetto<sup>1</sup>  
Gabriel Celestino Rosa<sup>2</sup>

**Resumo:** Investigamos neste estudo como intercambistas brasileiros estabelecem e vivenciam vínculos transculturais no exterior durante a mobilidade acadêmica internacional e qual o efeito dessa experiência em suas formações. Analisamos depoimentos de 12 estudantes de graduação, participantes do documentário *Poéticas da Mobilidade* com auxílio do *software Atlas.ti* e da *Grounded Theory*. Os resultados apontam para dois caminhos no estabelecimento de vínculos transculturais. Identificamos que o agrupamento entre intercambistas, o estabelecimento de vínculos transculturais, estranhamentos de elementos da cultura exógena, recepção positiva, relações afetuosas e sentimento de inclusão são fenômenos presentes durante suas incursões em terras desconhecidas.

**Palavras-chave:** Mobilidade Acadêmica Internacional; Vínculos Transculturais; Estudantes de Graduação.

### INTERNATIONAL ACADEMIC MOBILITY: PATHWAYS FOR TRANSCULTURAL CONNECTIONS

**Abstract:** We investigate in this study how Brazilian exchange students establish and experience cross-cultural ties abroad during international academic mobility and what the effect of this experience on their formations. We analyzed the testimonies of 12 undergraduate students participating in the documentary *Poetics of Mobility* with the *Atlas.ti* and *Grounded Theory*. The results point to two paths in establishing cross-cultural linkages. We have identified that the grouping of exchange students, the establishment of transcultural ties, strangeness of elements of exogenous culture, positive reception, affectionate relations and a sense of inclusion are phenomena present during their incursions into unknown lands.

**Keywords:** International Academic Mobility; Cross-cultural Links; Undergraduate Student.

## INTRODUÇÃO

O número de universitários brasileiros que busca viver uma experiência no exterior durante suas formações é cada vez mais expressivo, impulsionado especialmente pela criação de setores específicos dentro das universidades que

---

<sup>1</sup> Universidade La Salle. (leonidas.taschetto@unilasalle.edu.br)

<sup>2</sup> Universidade La Salle. (gabriel.celestino25@gmail.com)

viabilizam os deslocamentos de saberes entre pessoas de diferentes nações. Neste texto abordaremos aspectos e dimensões importantes no diz respeito à experiência de mobilidade acadêmica de jovens estudantes de graduação em seus processos formativos à nível acadêmico, profissional e, sobretudo, pessoal.

A mobilidade acadêmica não surge enquanto possibilidade formativa no contexto contemporâneo. Apesar da ampla disseminação e das facilidades que propiciam uma experiência no exterior em nossos tempos, cabe destacar que desde o período histórico da Idade Média, com o surgimento das primeiras universidades europeias em Portugal, na França e na Itália, atribui-se uma singular importância para o câmbio internacional de saberes. Tal dado leva Wagner a concluir que “a vasta migração estudantil parte do modo de funcionamento das universidades medievais” (WAGNER, 2007, p. 10), uma vez que a busca por uma formação acadêmica requeria, invariavelmente, o deslocamento de professores e alunos em direção aos emergentes centros de cultura da época.

No período Brasil Colônia, por exemplo, alguns jovens oriundos de famílias ricas deslocavam-se para a Europa, especialmente para Portugal, em virtude da familiaridade com o idioma Português, para realizar sua formação universitária. Esse deslocamento continental dava-se porque a coroa portuguesa, no intuito de manter soberania sobre suas colônias, interditava a criação de universidades no território brasileiro.

Apesar da mobilidade acadêmica ser um fenômeno que se confunde com o próprio surgimento das primeiras universidades medievais europeias, sua procura atualmente assume contornos diversos daquele período. Na contemporaneidade, o interesse de se investir em estudos no exterior, por uma parte significativa e cada vez maior de alunos de cursos de graduação de universidades brasileiras e estrangeiras, apresenta-se como uma forma possível de viver experiências fecundas que contribuem para a constituição subjetiva daqueles que a experienciam, bem como materializa uma ampla rede subjetiva importante para o indivíduo globalizado.

O conviver em um contexto internacional impõe aos sujeitos a necessidade de se defrontarem com experiências pontuais como, por exemplo, despertar o sentimento de independência, desenvolver competências linguísticas, estabelecer laços interpessoais, lidar com diferentes aspectos transculturais etc. Por outro lado, viver, com objetivo aparente de estudar, ou não, em um país estrangeiro, constitui-se, também, como uma experiência da dimensão do sensível, que ultrapassa os limites da técnica, e que, atravessado

por questões éticas, contribui para a existência de um saber subjetivo e enriquecedor para uma vida pessoal comprometida com valores éticos globais. Compreendemos essa experiência de atravessamentos subjetivos, culturais, territoriais e interpessoais como algo que, por sua natureza transcultural, desempenha um papel fundamental no rompimento de barreiras criadas pelo humano. Nesse sentido, Butler (2018) nos leva a refletir, a partir de uma ideia de mundo tomada de Heidegger, que “não apenas vivemos com aqueles que não escolhemos e em relação aos quais podemos não sentir uma sensação imediata de pertencimento social, mas também somos obrigados a preservar essas vidas e a pluralidade ilimitada que constitui a população global” (BUTLER, 2018, p. 125).

Em um primeiro plano, os estudantes intercambistas caracterizam-se por uma posição que ocupam no espaço: são eles que deixam seus *locus* de origem e deslocam-se para um espaço outro (MURPHY-LEJEUNE, 2000). Abou (1990), ao investigar experiências de estudantes em mobilidade acadêmica internacional descreveu a existência de três fases de compreensão da realidade externa, sendo uma relativa à habituação física, uma de familiarização social e a última de natureza mais íntima, onde o estudante conseguiria construir uma espécie de espaço próprio. Huang (2008) define os intercambistas como pessoas em transição, que devem concluir um projeto acadêmico e, após isso, retornar ao seu lugar de origem. O Instituto de Estatística da UNESCO faz uso do termo "estudantes em mobilidade internacional", definindo-os como pessoas "que deixaram temporariamente seu território nacional para estudar e que estão matriculados em um programa de ensino em um país estrangeiro" (UNESCO, 2011, p. 297). Os termos estudantes em mobilidade acadêmica internacional, estudantes intercambistas e intercambistas possuem neste estudo sentidos sinônimos, e serão utilizados para designar aqueles sujeitos cujo tipo de relação com o exterior estabeleceu-se por motivos institucionais de natureza acadêmica.

A partir do cenário apresentado, esta investigação busca uma compreensão sobre os vínculos estabelecidos, ou, ainda, as tentativas para tal, entre sujeitos que se encontram em um território que, na maioria das vezes, apresenta-se como algo completamente estranho a tudo aquilo que já havia sido vivido antes. Ancoramo-nos, portanto, nos conflitos e meandros dos vínculos transculturais que intercambistas brasileiros viveram com esse *outro*, que até então permanecia em um lugar onde nem mesmo as redes digitais e as tecnologias alcançavam em sua máxima magnitude, onde o anseio último que toda relação tende a buscar não era, ainda, possível, e onde não existia,

portanto, um elemento essencial relativo às relações humanas, a saber, a presença. O estudo dessa dimensão, conseqüentemente, abre uma fenda para a discussão sobre as vicissitudes até o estabelecimento de vínculos do aluno brasileiro com esse *outro* e, invariavelmente, para os efeitos que a experiência no exterior desempenhou na vida dos sujeitos pesquisados.

Ao evocar reflexões sobre vínculos transculturais, é necessário antes compreender o que se quer dizer com o termo transculturalidade. As origens dessa concepção surgem inicialmente em escritos do antropólogo cubano Fernando Ortiz (1881-1969), que ao longo de sua obra descreveu o processo de intercâmbio cultural como a origem da cultura cubana. O autor concebe esse processo como algo recíproco, de trocas, empréstimos, transações e transferências entre sujeitos de diferentes origens culturais (CÔTÉ; BANESSAIEH, 2012). Na etnologia, a transculturação compreende os processos de transição entre culturas e manifesta-se sob a forma de uma transformação da cultura tradicional em direção a uma nova cultura (FLORESTAL, 2009). Destaca-se que há dificuldades na distinção entre os termos intercultural e transcultural. Para Claude Claret (1990), intercultural diz respeito ao conjunto de processos psíquicos, relacionais, de grupos e instituições gerados durante relações culturais recíprocas e com uma perspectiva de cuidado para com as identidades culturais dos parceiros. Nesse universo, é necessário tomar a noção de processo, reciprocidade e a preservação do elemento identitário do outro em questão (GYURAKOVICS, 2014). Além desses aspectos, Buono (2011) ao comparar os conceitos de multicultural, pluricultural e intercultural com o transcultural, identifica que os três primeiros dizem, em sua essência, sobre o indivíduo, o grupo e a situação de comunicação, enquanto o transcultural mostra-se como um conceito que converge e supera essas concepções em um processo dinâmico potencializador de uma transmutação fundamental, pela via de uma profunda interpenetração. Neste sentido, ao evocarmos o conceito de transculturalidade não é possível delimitar fronteiras precisas, uma vez que, diferente de interculturalidade, conceito delimitado no tempo e no espaço, o transcultural remete a uma travessia “através e além das culturas” (BUONO, 2011, p. 11).

Se o “lar” é essa instância que se deixa para trás, para onde se vai, o que se atravessa ou ainda o que se pode carregar em si mesmo? Um dos sinais que podem auxiliar na compreensão desses questionamentos é que, de alguma forma, o sujeito que atravessou um tempo em mobilidade acadêmica atribui menor importância ao lugar em que vive e, portanto, estar em casa não é mais uma percepção limitada ao endereço, mas antes uma forma de pensar o espaço

em que se está como uma dimensão móvel e global (MURPHY-LEJEUNE, 2000).

## METODOLOGIA

O objeto de análise deste estudo é um documentário intitulado *Poéticas da Mobilidade* (XXX, 2016), com duração de 01:43:00, produzido pelos autores no ano de 2016, composto por 36 depoimentos de discentes e docentes que, sob forma narrativa, contaram sobre suas experiências de mobilidade acadêmica durante algum período de sua trajetória formativa. Os depoentes do documentário compõem um grupo heterogêneo, formado por pessoas dos gêneros feminino e masculino, com idades entre 19 e 74 anos, que realizaram a mobilidade acadêmica durante diferentes momentos de suas formações, geralmente enquanto estudante de graduação, mestrado e/ou doutorado. A elaboração do roteiro de entrevistas para o documentário buscou, à época, um caráter exploratório onde narrativas sobre experiências de mobilidade pudessem emergir. A escolha por esse modelo de roteiro levou em consideração a sensibilidade que estórias narrativas possuem enquanto parâmetros filosóficos, linguísticos, psicológicos e culturais fundamentais a movimentos de compreensão empreendidos sobre o território complexo dos fenômenos, das condições e da natureza das experiências humanas (BAKHTIN, 1981, 1986; BAUMAN, 1986; RICOEUR, 1981; SARBIN, 1986). Outro aspecto relevante a essa escolha de roteiro, foi a busca, devido à escassez de investigações em contextos brasileiros sobre a experiência de mobilidade acadêmica, de um formato que possibilitasse o surgimento de sentidos ampliados sobre o fenômeno. Na região própria ao cinema-documentário, o caráter plástico e maleável do roteiro é umas das possibilidades de produção, pois o conteúdo dos depoimentos nos aponta direções ainda não contempladas, evidenciando novas possibilidades de pensar um determinado fenômeno (REZENDE, 2013).

Os resultados da produção de *Poéticas da Mobilidade* despertou nos autores o interesse de aprofundar aspectos não contemplados na proposta original. Neste sentido, o presente estudo buscou dar uma continuação, desde um outro lugar, explorando pontos que no momento da produção do documentário não eram evidentes, tampouco eram foco da investigação.

Os sujeitos depoentes do documentário formaram dois grupos, um de 12 professores e outro de 24 alunos de uma Instituição de Ensino Superior do Sul do Brasil. Como *corpus* de análise deste estudo, optamos por analisar os depoimentos do grupo de 24 alunos de graduação. Tal escolha deu-se como uma forma de estabelecer um perfil base para os sujeitos pesquisados, objetivando investigar as experiências de mobilidade acadêmica vividas durante o período específico da graduação. A maior parte dos docentes, depoentes do documentário, havia realizado mobilidade acadêmica durante a construção de suas dissertações de mestrado e teses de doutoramento.

As percepções desses intercambistas brasileiros de graduação, no que diz respeito às suas relações com esse *outro* no exterior, a partir de um *corpus* de natureza audiovisual, implicam em um alinhamento teórico-metodológico que explora, contempla e traduz a complexidade desses dados. Neste sentido, por contingências do *corpus* e da questão norteadora, nossa investigação é de natureza qualitativa e utiliza-se dos princípios teórico-metodológicos da *Grounded Theory* para a construção da análise. Nas palavras de Tarozzi (2011), o objetivo de uma pesquisa conduzida a partir da *Grounded Theory* é alcançar uma analítica singular, proporcionando, dessa forma, o surgimento de uma teoria sobre os fenômenos investigados. Para o autor, a grande ambição dessa metodologia é ser capaz de produzir uma complexa e articulada teoria, mesmo que, em alguns casos, seja considerada por alguns teóricos como uma construção de “médio raio”, o que, no entanto, não desfaz sua sólida base empírica, isto é, seus fundamentos extraídos a partir dos próprios dados (TAROZZI, 2011).

A escolha pela *Grounded Theory* levou em consideração sua flexibilidade e legitimidade, revelando-se como um método sistemático capaz de edificar compreensões profícuas sobre experiências humanas através da descrição de processos que podem vir a elucidar fenômenos intrincados e, portanto, fazer emergir teorias potentes à compreensão dos indivíduos pesquisados (CHARMAZ, 2009). Além dos aspectos processuais, destaca-se que ela oferece possibilidades de sistematização e de “organização de grande quantidade de dados qualitativos de forma menos contaminada pelas ideias teóricas e hipóteses que o pesquisador pode apresentar previamente à realização do seu estudo” (YUNES; MENDES; ALBUQUERQUE, 2005, p. 27).

A análise dos dados dos depoimentos dos intercambistas foi dividida em quatro (4) etapas que, por sua vez, permitiram uma profunda interação com o material. A primeira etapa da análise do *corpus* contou com uma exploração

visual e auditiva que culminou com o recorte dos depoimentos do grupo de 24 estudantes de graduação do documentário. Nessa etapa foi utilizado o *software* de edição audiovisual *Final Cut Pro*, que possibilitou uma reorganização do conteúdo do documentário em uma sequência reduzida de 01:02:56, seguida pela transcrição de todo material. Destaca-se que a transcrição dos depoimentos já é parte do processo analítico, uma vez que se trata de um trabalho interpretativo que, por seu modo de ser, reduz uma comunicação complexa com diversos planos comunicacionais em um único código linguístico verbal (TAROZZI, 2011).

Na segunda etapa, recorremos ao *software de análise e pesquisa qualitativa Atlas.ti* que, dentre suas especificidades, possui recursos que se encaixam precisamente no processo metodológico da *Grounded Theory*. Por intermédio dele, realizamos a codificação inicial, enunciado por enunciado, no intuito de selecionar trechos dos depoimentos que perscrutasse a questão central do nosso estudo. Segundo Charmaz (2009, p. 76), a codificação inicial ajuda-nos a perceber o que é conhecido sob uma nova perspectiva. Straus e Corbin (1998) nomeiam esta primeira etapa da análise como “codificação aberta”. Trata-se de uma adequada definição, uma vez que, ao definir como “aberta”, por um lado significa que o pesquisador permanece aberto aos dados, acolhendo as demandas oriundas dos mesmos, por outro lado, “é aberta no sentido de que esse tipo de codificação visa abrir (*open up*) os dados, a explorar (explicitar) fragmentos de texto para fazer emergir todos os significados possíveis que os enunciados são capazes de gerar” (TAROZZI, 2011, p. 125).

Durante essa primeira codificação, foi possível identificar vinte e seis (26) códigos iniciais (abertos) que correspondiam às relações e vínculos dos intercambistas com pessoas locais e/ou estudantes estrangeiros que, como eles, realizavam uma experiência de mobilidade acadêmica. Cabe ressaltar que esses vinte e seis (26) códigos foram encontrados nas falas de doze (12) intercambistas e, portanto, do número total de vinte e quatro (24) depoimentos analisados, doze (12) deles não foram incluídos pelo motivo de não apresentarem, em seus conteúdos, códigos iniciais representativos que explorassem a questão do estudo<sup>3</sup>. O perfil dos(as) doze estudantes de

---

<sup>3</sup>Essa etapa de codificação produziu um montante de enunciados que percorreram outras questões acerca da experiência de mobilidade acadêmica internacional. Em uma análise feita a partir dos princípios teóricos da *Grounded Theory*, analisam-se os dados sem categorias e temas *a priori*, a fim de identificar os conteúdos potentes e recorrentes. Neste sentido, a identificação dos vínculos no exterior como tema importante à

graduação, os quais utilizamos as falas para construção desta análise, constituíram um grupo de oito mulheres e quatro homens que realizaram mobilidade acadêmica internacional entre os anos de 2014 e 2016, com idades entre 24 e 35 anos à época da experiência. As cidades e países de destino desses(as) doze intercambistas foram: Lisboa/Portugal (3), Quebec/Canadá (1), Toledo/Espanha (1), Sydney/Austrália (1), Bogotá/Colômbia (1), Buenos Aires/Argentina (1), Montevideo/Uruguai (1), Cidade do México/México (2) e Romeoville/Estados Unidos da América (1). Nas palavras de Charmaz:

As pessoas constroem textos para atender a objetivos específicos e o fazem dentro de contextos sociais, econômicos, históricos, culturais e situacionais. Os textos baseiam-se em discursos específicos e fornecem relatos que registram, exploram, explicam, justificam ou prenunciam ações, quer os textos específicos sejam extraídos ou existentes (CHARMAZ, 2009, p. 58).

Após o processo de codificação inicial começamos a terceira etapa com a *codificação focalizada*. Destaca-se que essa etapa corresponde a um momento de interação mais aprofundada com os códigos iniciais identificados no processo anterior. Segundo Charmaz (2009), a codificação focalizada corresponde à segunda fase principal na análise dos dados. Nesse momento, os vinte e seis (26) códigos identificados anteriormente foram submetidos a um direcionamento seletivo e conceitual com o objetivo de sintetiza-los e explicá-los. Leva-se em consideração que somente ao realizar a codificação focalizada é possível determinar os códigos iniciais que permitem uma melhor compreensão analítica potente à categorização dos dados de maneira incisiva e completa (CHARMAZ, 2009, p. 87).

O escopo da codificação focalizada é o de recolher os conceitos em categorias e identificá-los em um nível mais elevado, mas é também o nível no qual se interligam entre si as categorias e estas com suas propriedades. Nesse sentido, a codificação pode iniciar cedo e, de fato, por vezes se sobrepõe cronologicamente à codificação inicial. Se a codificação aberta fragmentou os dados, distinguiu-os e separou analiticamente, nessa fase começa o processo sintético: buscar linhas de coerência entre os dados (TAROZZI, 2011, p. 135).

---

experiência, apenas edificou-se ao final do processo analítico e, portanto, a investigação e análise aprofundada de outros fenômenos encontrados nos dados serão realizadas em estudos posteriores.



A partir da codificação focalizada, reorganizamos os vinte e seis (26) códigos iniciais em seis (6) subcategorias, intituladas Agrupamento de Intercambistas, Estabelecimento de Vínculos Transculturais, Estranhamento de Elementos da Cultura Exógena, Recepção Positiva, Relações Afetuosas e Sentimento de Inclusão, que serão detalhadas posteriormente na sessão de resultados.

A quarta e última etapa de análise dos dados procurou inter-relacionar as seis (6) sub-categorias encontradas na etapa anterior através da *codificação axial*. Nas palavras de Charmaz, "a codificação axial relaciona as categorias às subcategorias, especifica as propriedades e as dimensões de uma categoria, e reagrupa os dados que você fragmentou durante a codificação inicial para dar a coerência à análise emergente" (CHARMAZ, 2009, p. 91). Para Strauss e Corbin (1998), é a partir da codificação axial que recompomos novamente os dados em um montante coerente explicando questões de "quando, onde, por que, quem, como e com que consequências os fenômenos ocorrem (CHARMAZ, 2009).

A importância dessa última etapa acontece também em virtude de ser um momento fecundo para a elaboração de uma categoria maior através da diagramação integrativa das subcategorias encontradas no processo de codificação inicial e focalizada (CLARKE, 2005). Durante a codificação axial foi possível, portanto, visualizar as possíveis conexões entre as seis subcategorias encontradas na etapa anterior. Dessas conexões, originou-se uma grande categoria, ou *core category* intitulada *Caminhos para Vínculos Transculturais*, que busca abranger os aspectos relativos às percepções dos estudantes sobre as relações que estabeleceram no contexto exterior no qual se inseriram. Uma *core category* é um conceito-chave, uma grande categoria central organizadora do conjunto de subcategorias encontradas nos processos anteriores, possibilitando uma unificação dessas e dando a razão das variáveis dos dados (TAROZZI, 2011).

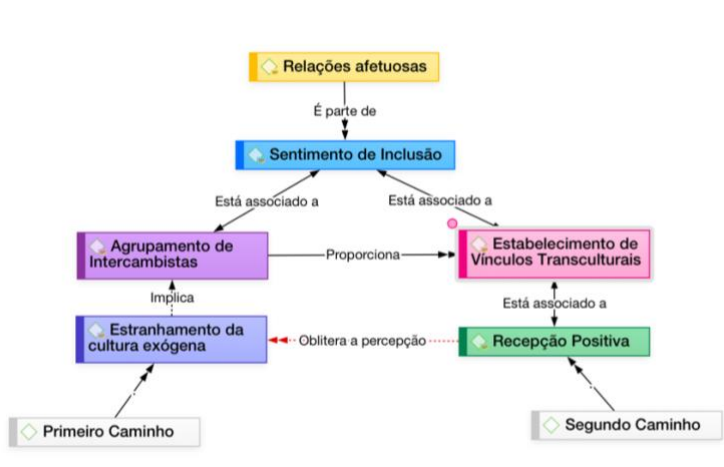
Destaca-se que somente com a profunda interação com os dados dos depoimentos dos estudantes é que foi possível eleger os códigos, subcategorias e a categoria supracitados. Os relatos ulteriores exploram os resultados da análise dos depoimentos descrevendo os fenômenos com suas especificidades, bem como o detalhamento da categoria criada. Verificou-se a existência de dois caminhos que serão abordados a seguir. Todas as citações mencionadas serão identificadas por uma legenda que mantém o anonimato dos intercambistas (ex.: SA1, SA2, SA3 etc...).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### *Caminhos para vínculos transculturais*

A categoria que emergiu dos dados analisados e que pôde contemplar a questão à qual nos propusemos levantar neste estudo, direciona-se para a interpretação de um processo complexo e que explana como ocorreram as relações dos intercambistas de graduação, depoentes do documentário *Poéticas da Mobilidade*, com esse *outro* do exterior o qual, inevitavelmente, conviveu-se, de uma forma ou de outra, durante o período da mobilidade acadêmica. Para representar a categoria encontrada a partir da análise dos dados, criamos um esquema de conexões das 6 subcategorias, apresentado na Figura 1.

*Figura 1 - Caminhos para vínculos transculturais*



*Fonte: Elaborado pelos autores a partir do Atlas.ti*

O esquema de conexões das subcategorias apontou para fenômenos que revelam a existência de dois caminhos de contato distintos na inserção do

estudante brasileiro na cultura do local de realização da mobilidade acadêmica. O primeiro caminho começa com a subcategoria *Estranhamentos da Cultura Exógena* e compreende as percepções de situações onde elementos da cultura brasileira são recebidos, principalmente pelos cidadãos locais, com estranhamento. Dentro desta subcategoria, foram selecionadas citações que exploravam situações cotidianas vivenciadas pelos intercambistas e significadas como resistências dos cidadãos locais em relação às suas presenças. Uma das jovens depoentes do documentário compartilha uma de suas reflexões falando sobre as dificuldades de aceitação que enfrentou ao carregar elementos da cultura de sua origem nos ambientes públicos de Lisboa. Segundo essa intercambista, ela e os estudantes que estavam na mesma situação recebiam tratamentos hostis quando bebiam chimarrão, uma bebida típica do Rio Grande do Sul, pois os cidadãos locais “*achavam que era qualquer outra coisa menos chimarrão*” (SA1). Seu enunciado revela sentidos implícitos sobre um cotidiano envolto por questões de preconceito contra estrangeiros na capital portuguesa. Ela continua sua fala dizendo que “*teve gente que sofreu bullying na rua, assim, achando que era droga*” (SA1), e que, em uma situação marcante, enquanto ela e um amigo andavam por uma praça bebendo chimarrão, uma senhora se aproximou e de forma ríspida pronunciou: “*aqui não é Amsterdã!*” (SA1).

A ocorrência desses estranhamentos pode ser compreendida a partir dos estudos sobre *preconceito sutil* que, descritos por Pettigrew e Meertens, surgem no intuito de explicar uma nova expressão de preconceito, o preconceito contra exogrupos (LIMA; VALA, 2004). Segundo Lima e Vala (2004), existem três dimensões dentro do que se designa por *preconceito sutil*. A primeira refere-se à defesa de valores tradicionais. A segunda diz respeito a exageros na atribuição de diferenças culturais e a terceira à percepção de que o exogrupo é culturalmente muito diferente do endogrupo. Essa subcategoria associa-se com o “sentir-se um estranho” por parte dos estudantes. Tal fenômeno indica a presença de uma sensação de “estranheza”, uma espécie de imagem negativa de si, fundada nas formas pelas quais os sujeitos se viam em relação às suas interações com esse *outro* local. Além do *preconceito sutil*, esses estranhamentos também podem se amparar em uma compreensão à luz do conceito de *heterofobia*, que diz sobre o sentimento de temor e ódio ante os diferentes, os estranhos, forasteiros, aqueles que, de algum modo, surgem do exterior para dentro de nossos circuitos de identificação (CABECINHAS, 2008). O fenômeno se mostrou presente em países do continente europeu, sobretudo em Portugal, destino bastante procurado por brasileiro em virtude

do idioma. Em seu estudo sobre imigração, minorias étnicas e xenofobia, a psicóloga social portuguesa Rosa Cabecinhas revela que:

Nos últimos anos a problemática da imigração ganhou grande relevância na opinião pública e nos meios políticos e científico. Nas últimas décadas, aumentou consideravelmente o número de imigrantes em Portugal, à semelhança de que aconteceu em outros países europeus. A questão da imigração adquiriu grande visibilidade pública, ocupando um lugar de destaque nos meios de comunicação social, ao mesmo tempo que o racismo e a etnicidade se tornaram termos delicados e controversos da agenda contemporânea (CABECINHAS, 2008, p.176).

Segundo Gyurakovics (2014), em estudo realizado com estudantes em mobilidade acadêmica em Quebec/Canadá, foi possível identificar que dificuldades de vinculação com o *outro* em virtude das diferenças culturais influenciavam no bem-estar dos intercambistas. Para a autora, os estudantes em mobilidade acadêmica precisam lidar com um novo contexto de vida e enfrentar dificuldades que podem acarretar em uma diminuição de sua autoestima. Perruci e Hu (1995) destacam que as situações de estresse e ansiedade que os estudantes enfrentam durante a experiência podem, em casos extremos, contribuir para o desenvolvimento de transtornos físicos e psíquicos. As possíveis causas para quadros como esse se manifestarem estão, segundo Westwood e Barker (1990), relacionadas à sobrecarga de informações e à falta de familiaridade com os novos contextos.

Destaca-se que, a partir da análise, “*perceber-se um estranho*” mostrou-se como um fenômeno associado a estratégias despendidas pelos intercambistas em sua adaptação no exterior. Neste sentido, a próxima subcategoria que abordaremos trata do “*agrupamento entre intercambistas*”, que, segundo direções apontadas pelos dados, revela um outro fenômeno que chama a atenção por sua forma, complexidade e conteúdo, não podendo, por sua vez, ser deixado de lado.

Perceber-se como um estranho no contexto internacional, a partir das relações transculturais, mobiliza um movimento por parte dos intercambistas brasileiros, no sentido de amenizar conflitos adaptativos com cidadãos locais do país de destino. Tal movimento diz respeito à subcategoria *agrupamento entre intercambistas* que sucede a subcategoria anterior e que, dentre as possíveis elucidações que se pôde alcançar a partir dos dados, mostrou-se como uma estratégia de adaptação no contexto internacional que antecede as relações com os cidadãos locais.

A partir do agrupamento entre pares, os intercambistas constituem uma espécie de *locus* ou, ainda, uma comunidade entre si, que os fortalece ao mesmo tempo em que garante o sentimento de pertencimento, possibilitando, deste modo, sua introdução na cultura do país. O notável dos enunciados é seu caráter “natural”, “despreocupado” e, além disso, profundamente reflexivo. Um dos intercambistas conclui sobre suas mais notáveis relações em Toledo/Espanha: “*as pessoas... te agregam muito, porque elas também tão fora de casa*” (SA2). Sua experiência sinaliza para vínculos transculturais construídos, sentidos, vividos com outros viajantes, assim como ele longe de seus lares de origem. Nostálgico e saudosista, ele prossegue sua narrativa sobre sua experiência referindo-se a um certo “*espaço lá, que é onde todos os intercambistas vão, que é a tal da pedra*” (SA2).

Outros intercambistas articularam antes da viagem um território que pudesse ser, desde o início, um pouco familiar. Nessa perspectiva, um deles relata que ao chegar em Bueno Aires encontrou “*um brasileiro, de São Paulo*” e juntos começaram “*a buscar um apartamento*”, tentando, com isso, “*juntar o pessoal do Brasil*” (SA3). Para uma das intercambistas, definir com quem iria morar em Lisboa foi uma de suas preocupações antes da realização da viagem: “*lá eu morava com quatro gaúchos, daqui de Porto Alegre também*” (SA4).

Em termos analíticos, foi possível conceber um conceito teórico que exprime a riqueza subjetiva do que é relatado pelos intercambistas sobre seus principais vínculos estabelecidos no exterior. Chamamos esse fenômeno de *ilha flutuante*, uma espécie de *locus* constituído por todos aqueles viajantes desprendidos que se cruzam em determinado momento em suas travessias pelo exterior. *Ilha* porque há uma demarcação em sua forma de constituição ou, em outras palavras, é criada pela reunião de intercambistas que, alocados em território estranho, encontram em seus pares alguma familiaridade, algum aconchego, uma morada. *Flutuante* porque designa uma condição comum à grande maioria, isto é, uma *condição de passagem*. O que poderia designar melhor a condição de um intercambista senão à de um sujeito de passagem? O sujeito de passagem atravessa, por assim dizer, trocando um pouco de si, um pouco com o outro, por onde passa. Mas o que exatamente estamos concluindo por *passagem* e *câmbio*? Antes de responder a essa questão é necessário compreender quais são os elementos caros aos intercambistas e que, em última instância, os levam a *trocarem* alguma coisa, majoritariamente, entre si. Esse aspecto das experiências interpessoais no exterior poderia nos sugerir a existência de possíveis barreiras encontradas no estabelecimento de vínculos com cidadãos locais do país de destino. Essa hipótese nos levaria a considerar o

agrupamento desses “viajantes” como uma espécie de estratégia de adaptação ou sobrevivência à cultura endógena. Essa é uma das vias possíveis e, neste momento, manteremos nossa análise por este caminho.

Seguindo o processo construído a partir da análise dos dados, chegamos à terceira subcategoria e ponto central que converge os dois caminhos para os vínculos transculturais. Descreveremos o segundo caminho após o detalhamento desta subcategoria. Intitulada *Estabelecimento de Vínculos Transculturais*, esta subcategoria aponta para uma abertura de relações tanto do sujeito local, quanto de estudantes de outras nacionalidades com intercambistas do Brasil. Os dados que dão corpo a esse fenômeno são o resultado da conversão de dois caminhos e apontam tanto para uma resistência inicial até que o vínculo se estabeleça, quanto para uma boa recepção primeira que facilita o estabelecimento dos vínculos, sobretudo entre o cidadão local e os intercambistas brasileiros. Como exemplos destacamos os seguintes excertos: “*eu posso dizer que eu tenho irmão na Itália, irmãos na França... já estamos marcando de o pessoal vir aqui, na minha casa*” (SA2); “*Lá no México, assim, eu tinha muita infraestrutura, muito carinho, muito afeto*” (SA4); “*E isso eu encontrei lá desde o primeiro dia, desde que eu cheguei no apartamento e tinha cinco pessoas convivendo juntas*” (SA5); “*E foi ali que eu fiz os meus grandes amigos*” (SA6); “*Eu não esperava que tivesse tanto carinho, tanto entrosamento entre as pessoas*” (SA2).

O estabelecimento de vínculos transculturais no exterior começa, em muitas experiências de mobilidade, por uma via peculiar, onde uma primeira abertura de relações humanas acontece, essencialmente, entre intercambistas. Os 12 sujeitos do documentário por nós estudados que se permitiram explorar suas experiências no exterior revelaram em suas falas uma vivência muito mais intensa e profunda com outros intercambistas estrangeiros do que com os cidadãos locais. Tal aspecto está correlacionado com a subcategoria anterior, revelando-se como uma possível estratégia de adaptação dos intercambistas. Entretanto, o país de destino e a cultura local também são influenciadores para que os vínculos se configurem dessa forma.

O estabelecimento de vínculos transculturais, subcategoria central de nossa análise, pode ser construído pela via de um segundo caminho, a *Recepção Positiva*. Verificou-se que os intercambistas que tiveram as suas primeiras interações positivas com cidadãos locais acabam desenvolvendo maior facilidade de estabelecer vínculos e usam menos estratégias de agrupamento entre pares de intercambistas. Uma das hipóteses que levantamos

a partir desta subcategoria é de que os estudantes brasileiros que são bem recebidos no contexto internacional pelos cidadãos locais percebem menos estranhamentos em relação à sua cultura. Neste sentido, é como se houvesse uma obliteração de sentidos negativos em relação às manifestações sutis de preconceitos em determinadas interações com cidadãos nativos. Esta subcategoria emergiu a partir das seguintes falas de intercambistas: “*Os colegas, todo mundo me recebeu super bem... os professores... ah, era a brasileira do Turismo né, foi bem legal, assim, a experiência*” (SA7); “*Foi um lugar muito aconchegante, assim, de chegar*” (SA8); “*O pessoal foi bem receptivo, antes da minha ida*” (SA9); “*O dono do hostel disse: “agora tu é gerente e tu vai resolver tudo aqui”... foi um aprendizado imenso*” (SA10).

Entendemos que quando ocorre uma recepção positiva, vínculos transculturais ocorrem, seja com cidadãos locais, seja com outros intercambistas. Tais vivências corroboram para que os intercambistas experimentem *Sentimentos de Inclusão*. Esses sentimentos são reflexos possíveis dos dois caminhos descritos, originados a partir dos dados que edificaram as subcategorias *Recepção Positiva* e *Estabelecimento de Vínculos Transculturais*. A recepção positiva é, portanto, um fenômeno presente e diz respeito à percepção de intercambistas em relação a uma primeira abertura para relações, seja de intercambistas de outros lugares do mundo, seja do cidadão local do país de destino. Neste sentido, a chegada em um território estrangeiro representa um momento crucial, pois é um período marcado pela perda de orientação e, por conta disso, a recepção esperada desempenha um efeito significativo no transcurso da familiarização com o ambiente. Para Murphy-Lejeune (2000), à medida que os estudantes se familiarizam com um determinado espaço, eles criam referências: o mercado, as pessoas conhecidas e a presença do estudante “estranho” torna-se “normal”.

Há um número significativo de experiências com um primeiro contato positivo. Esta subcategoria diz respeito a percepções de baixas barreiras de cidadãos locais e estrangeiros de outras nacionalidades com os intercambistas. Além disso, os dados de nosso estudo sugerem que aqueles estudantes que são bem recebidos por cidadãos locais utilizam menos estratégias de agrupamento entre eles e atribuem menor importância para manifestações de estranheza para com sua cultura.

O estabelecimento de relações mais profundas, que envolvem afetos e se mantém após o retorno dos intercambistas, é uma das subcategorias identificadas na análise. Esse tipo de vínculo humano possui maior incidência naquelas experiências com uma primeira recepção positiva, seja ela do local, ou

dos próprios intercambistas, podendo, portanto, ocorrer como resultado de ambos os caminhos descritos. A importância dessas relações e seu papel permanecem misteriosas mesmo após anos de retorno do país de realização da mobilidade acadêmica. Uma das jovens de nosso estudo revela que, apesar de ter feito mobilidade acadêmica em 2014, até hoje tem “*muito contato com os mexicanos*” (SA12), e que amizades duradouras que se mantiveram durante o tempo “*ficaram na minha casa*” (SA12). Essa intercambista ainda nos revela outros aspectos que a experiência de mobilidade pode produzir nos sonhos, nas relações e desejos para o futuro; ela encerra sua fala abrindo um horizonte ainda inexplorado, reconhecendo o mistério que, invariavelmente, atravessou sua vida durante a experiência: não é possível “*explicar essa ligação que eu tenho com eles, e eu pretendo voltar pra lá*” (SA12). A existência de vínculos que perduram após o retorno dos intercambistas aponta para uma percepção positiva das relações estabelecidas e mostram-se associados à subcategoria *Sentimento de Inclusão*. O sentimento de inclusão é uma subcategoria que evidencia a existência de relações de equilíbrio em que os sujeitos se percebem como membros importantes e possuidores de papéis de valor nas relações interpessoais. A partir da análise empreendida, o sentimento de inclusão mostrou-se possível para aqueles intercambistas que foram recebidos positivamente, bem como para os que utilizaram estratégias de agrupamento entre pares de intercambistas.

Os resultados do nosso estudo apontam, direta e indiretamente, para percepções que intercambistas relataram sobre as relações que estabeleceram no exterior, com suas vicissitudes, fronteiras, aberturas, conflitivas e continuação pós-retorno. Acreditamos que esses achados podem contribuir para uma melhor compreensão do fenômeno da experiência de mobilidade acadêmica internacional, pois apontam para a relevância que os vínculos transculturais assumem na maneira como esses intercambistas brasileiros posicionam-se frente ao *outro* e suas diferentes culturas e às adversidades oriundas da realidade na qual imergiram .

Ao traduzirem o cotidiano de relações estabelecidas no exterior como algo majoritariamente composto por aproximações e amizades com outros intercambistas, os sujeitos deste estudo nos indicam que a união desses estudantes de diferentes nações, que se encontraram pelos caminhos que escolheram percorrer, configura-se como uma forma de pertencer a esse ambiente estranho e, em alguns momentos, hostil. Esse é o caráter de *ilha flutuante* que, estabelecendo a reunião desses sujeitos de passagem, ancora-os por um certo tempo e os protege do desamparo, ao mesmo tempo em que



sinaliza a impossibilidade humana de total independência do *outro*. Em outras palavras, mesmo que os *outros* os rejeitem, eles encontram maneiras de pertencer ao espaço desse *outro*, de resistir às imposições e fronteiras sociais, da cultura, do idioma, e de outras dimensões da diferença que se apresentam enquanto percorrem os ambientes da cidade onde decidiram viver e daquelas outras que, por desejo, conheceram. Na união de intercambistas, os sujeitos experienciam entre si relações cosmopolitas que alteram suas formas de ver e perceber o mundo, pois reconhecem em um estranho exterior não simplesmente uma cultura estática, mas antes uma multiplicidade de existências, hábitos, culturas, cheiros e sabores, além de, em alguma medida, sentirem que as resistências contra o diferente podem vir a ferir *outrem*.

## CONCLUSÃO

A relevância da experiência de mobilidade acadêmica internacional na formação de estudantes em graduação irrompe as fronteiras acadêmicas e desponta um horizonte novo para os sujeitos que a experienciam. Desde este ponto de vista, tendemos a compreender a experiência de mobilidade dos sujeitos pesquisados neste estudo como uma experiência transcultural, heterogênea em sua natureza. Em um mundo cada vez mais globalizado, a prerrogativa de uma formação humana que possa contemplar aspectos que fujam às paredes das instituições de ensino superior parece encontrar ressonância na experiência que se vive como sujeito, como estudante, no exterior. A discussão sobre a relevância da mobilidade acadêmica internacional revela que algumas regiões do mundo consideram esse tipo de experiência como uma importante dimensão formativa, necessária na contemporaneidade. Um destaque nesse cenário é o programa europeu ERASMUS (European Region Action Scheme for the Mobility of University Students), que com seu plano de gestão apoia e facilita experiências de mobilidade acadêmica de estudantes e professores para os mais diferentes destinos ao redor do mundo.

No Brasil, houve iniciativas governamentais de envergadura durante o governo da presidenta Dilma Rousseff, como, por exemplo, a criação do programa Ciência sem Fronteiras (CsF), que viabilizou, de 2012 a 2016, a concessão de 93 mil bolsas integrais a estudantes de graduação e pós-graduação para realizarem, integral ou parcialmente, seus estudos no exterior. Semelhante ao modelo ERASMUS, o CsF foi uma iniciativa amparada em valores globais

de formação humana, considerando que experiências de mobilidade contribuem para benefícios a nível de cooperação internacional entre diferentes nações e igualmente para desenvolvimento da ciência, tecnologia e inovação no Brasil. No entanto, o encerramento do programa governamental CsF para os níveis de graduação revela-nos um cenário de retrocessos no Brasil. Desde o ano de 2014 os editais para graduação foram encerrados com a justificativa de que os custos eram muito altos. Tendo em vista os benefícios que experiências internacionais possuem na subjetividade de profissionais brasileiros em formação, nas relações internacionais e no mercado econômico do país, conclui-se que o não comprometimento governamental com políticas de mobilidade acadêmica internacional abre margem para o surgimento de fragilidades em diferentes esferas de uma nação. Se um diálogo entre sujeitos de nações distintas não for possível, um dos caminhos inevitáveis é a eclosão de fronteiras cada vez mais rígidas em mundo cosmopolita.

## REFERÊNCIAS

- ABOU, S. *L'insertion des immigrés: approche conceptuelle*. Paris: L'Harmattan, 1990.
- BAKHTIN, M. *The dialogic imagination*. Austin: University of Texas Press, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Speech genres and other late essays*. Austin: University of Texas Press, 1986.
- BAUMAN, R. *Story, performance, and event: contextual studie of oral narrative*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- BUONO, A. *Le transculturalisme: de l'origine du mot à « l'identité de la différence*. *Revue Internationale d'études canadiennes*, v. 4, p. 7-22, 2011.
- BUTLER, J. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2018.
- CABECINHAS, R. *Racismo e xenofobia: a actualidade de uma velha questão*. *Comunicación e cidadania*, v. 1, n. 2, p. 162-182, 2008.

CHARMAZ, K. A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa. Tradução Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CLANET, C. L'interculturel: introduction aux approches interculturelles en éducation et en science humaines. Toulouse: Press Universitaires du Mirail, 1990.

CLARKE, A. E. Situational analysis: grounded theory after the posmodern turn. San Francisco: SAGE Publications, 2005.

CÔTÉ, J. F.; BANESSAIEH, A. La reconnaissance des formes d'un cosmopolitisme pratique au sein des Amériques: transnationalité et transculturalité. *Sociologie et Sociétés*, v. 44, n. 1, p. 35-60, 2012.

FLORESTAL, C. La démarche transculturelle en Didactique des Langues-Cultures: une démarche discutabile et/ou qui mérite d'être discutée. *Synergie Pays Riverains de la Baltique*, v. 6, p. 59-75, 2009.

GYURAKOVICS, J. Les étudiants internationaux à Québec: une étude transculturelle

sur les dynamiques de perception des valeurs culturelles liées à la distance hiérarchique et à la proxémie. 2014. 195 f. Dissertação (Mestrado em Etnologia e Patrimônio), Université Laval, Quebec, 2014.

HUANG, R. Mapping international tourists' experience in the UK: understanding international students. *Third World Quarterly*, v. 29, n. 5, 2008.

LIMA, M. E. O.; VALA, J. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de Psicologia (Natal)*, v. 9, n. 3, p. 401-411, 2004.

MURPHY-LEJEUNE, E. Mobilité internationale et adaptation interculturelle : les étudiants voyageurs européens. *Recherche & Formation*, v. 33, n. 1, p. 11-26, 2000.

POÉTICAS da mobilidade. Direção: XXX. Canoas: Psicologia e Educação Tecnopoéticas, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tNS2PJW7e-k>. Acesso em: 2 de mar. 2018.

REZENDE, L. A. Microfísica do documentário: ensaio sobre a criação e ontologia do documentário. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2013.

RICOEUR, P. Hermeneutics and the human science. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

SARBIN, T. R. Narrative psychology: the storied nature of human conduct. Nova York: Praeger, 1986.

STRAUSS, A; CORBIN, J. Basics of qualitative research: grounded theory procedures and techniques. 2. ed. Newbury Park: Sage, 1998.

TAROZZI, M. O que é a grounded theory: metodologia de pesquisa e de teoria fundamentada nos dados. Petrópolis: Vozes, 2011.

UNESCO. Recueil de données mondiales sur l'éducation 2011. Statistiques comparées sur l'éducation dans le monde. Disponível em: <[www.uis.unesco.org/Education/Documents/ged-2011-fr.pdf](http://www.uis.unesco.org/Education/Documents/ged-2011-fr.pdf)>. Acesso em: 8 abr. 2018.

WAGNER, A. C. Les classes sociales dans la mondialisation. Paris: La Découverte, 2007.

YUNES, M. A. M.; MENDES, N. F.; ALBUQUERQUE, B. DE M. Percepções e crenças de agentes comunitários de saúde sobre resiliência em famílias monoparentais pobres. Texto & Contexto Enfermagem, v. 14, p. 24-31, 2005.

*Recebido em: 09/10/2018*

*Aprovado em: 18/12/2018*